

PODCAST VEJA BEM

TRANSCRIÇÃO DO PODCAST VEJA BEM, T1E03

Abaixo seguem as legendas utilizadas:

C = Professor Clóvis de Barros

F = Professor Carlos Ferrari

V = vinheta

L = Locução

F: Quantas coisas foram deixadas para TRÁS, passaram despercebidas! Não ganharam o privilégio da sua atenção!

C: Nesse momento você olha pra mim e diz: bom, o senhor acha isso ótimo, mas a visão é importantíssima e nos escapa.

V: veja bem: o podcast semanal para pensar a vida com outros olhos. Com os professores Clóvis de Barros filho e Carlos Ferrari.

Olá! Eu sou o professor Carlos Ferrari!

C: E eu sou Clóvis de Barros!

F: E vocês tão ouvindo sons ao fundo de festas! A nossa edição caprichou porque, nessa semana, o mês de abril, é tempo de comemorar. Quero cumprimentar o professor Clóvis, os patrocinadores, equipe de colaboradores e, principalmente não só todos, ouvintes do inédita pamonha.

Professor Clóvis, o irmão mais velho do Veja Bem, já tá fazendo um ano e, que ano exitoso, com tanto ensinamento! A pamonha que fez o Brasil conhecer o professor Clóvis de Barros. Costumo brincar que a alegoria da pamonha, né?

PODCAST VEJA BEM

Fez o professor ficar ainda mais conhecido e se transformou em um podcast. É um podcast que tem sido essencial para as pessoas nesses tempos de pandemia.

Parabéns, professor e obrigado! Como foi esse um ano aí?

C: É, Carlos! Bem, ouvintes, bom-dia, boa-tarde, boa-noite, Carlos! Uma alegria participar, como sempre, do nosso “Veja Bem”. De fato, Carlos, o “Inédita Pamonha”, completou um ano. Ele surgiu exatamente há um ano. Ele surgiu com a pandemia, por causa da pandemia, em virtude da pandemia... Surgiu para que pudéssemos conversar e falar sobre a vida, onde a vida se encontrava e, por que não dizer, onde a vida ainda está? E o “Inédita Pamonha” surgiu pra ser um podcast com 4 episódios, lá no começo, era pretensão inicial, mas aí, graças à generosidade dos nossos patrocinadores, o “Inédita Pamonha” completou um ano. Nesse um ano ele esteve o tempo inteiro entre os 10 podcasts mais ouvidos na categoria Negócios, na categoria Corporativa, e isso muito nos orgulha porque, junto com ele, há pesos pesados do mundo da mídia e da economia. Como podcast do Valor Econômico, do Globo Economia, e aí, no meio deles todos ali, miudinho, despretensioso, olhando pros gigantes o “Inédita Pamonha”, que fala da Vida. Então eu queria dizer que, de fato, nós vamos celebrar com uma edição especial. Todos os episódios deste ano foram conduzidos por mim, mas, nesse episódio especial, nós teremos a participação de ouvintes que farão perguntas, e esses ouvintes, evidentemente, não é possível acolher a todos, então eles mandaram áudios e, entre esses ouvintes eu tenho a honra de anunciar o professor Carlos Ferrari participando, fazendo a sua pergunta e, naturalmente, engrandecendo, trazendo prestígio para o nosso podcast. Então, desde já, aproveito para agradecer ao Carlos, à generosidade de sempre, à simpatia de sempre... E todos os ouvintes...

E, claro, para aqueles que são nossos ouvintes do Veja Bem, que possam degustar a “Inédita Pamonha”, porque, no sentido contrário, eu também os motivarei.

PODCAST VEJA BEM

Então era isso. Obrigado por ter mencionado. Eu fico mesmo Muito feliz! E que o Veja Bem tenha também essa longevidade.

F: É isso aí! Se você não assinou o feed do Inédita Pamonha, corre lá, que tem muito conteúdo bacana. Já um acumulado de material bem legal, que vale a pena ouvir cada um. Se não assinou, vai lá e maratona, porque tá bom demais!

F: Vamos ao tema de hoje: aprendendo com o que não se pode ver. Professor, que tema fascinante! Falar sobre aprender em maior ou menor medida, significa conversar sobre como nós vamos ajustando a visão de mundo ao longo da vida. Eu tenho certeza de que, quando os nossos ouvintes se depararam com esse tema no feed, a vontade de ouvir deve ter sido imediata, porque o nosso público, no momento, em que decide vir com a gente, professor, é porque, com certeza, quer buscar caminhos diferentes, caminhos bons, bons caminhos para bons aprendizados. Então é claro que, nesse nosso bate-papo de hoje, nós não vamos falar sobre o aprender de maneira limitada, numa perspectiva utilitarista; o que nos interessa é falar sobre aprender numa perspectiva mais profunda; falar de vivências de experiências, enfim... De tantas coisas que a gente acaba levando voluntária ou involuntariamente para as nossas memórias. E são essas memórias que vamos ajudar a tomar decisões, emitir opiniões e, às vezes até trazer para a realidade o que o grande mestre Paulo Freire batizou de “Inédito viável”. Mas tudo isso é vivido e nem sempre tudo pode ser visto. A gente vai falar disso mais adiante.

Mas antes disso, professor, quero te convidar a nos falar um pouco sobre as possibilidades do “ver” para além do “olhar”. Aliás, em um dos Inéditas Pamonhas, nosso aniversariante, o senhor falou sobre o “olhar com encantamento”. O “olhar maravilhado”. Então, como é que se aprende para além do “olhar”? Aprender a ver para além do olhar?

C: Querido Carlos, o tema é fascinante e não poderia ser diferente. Foi você que o propôs, com o teu senso de pauta aguçado e sempre muito pertinente. Carlos, quando você olha pra história do pensamento, você se dá conta que o homem

sempre se interessou sobre as condições do conhecer, as condições do aprender. Naturalmente o homem fez propostas e realizou grandes reflexões a respeito e elas nem sempre são coincidentes: muitas até são claramente contraditórias, opostas, excludentes. Vou te dar um exemplo de dois pensadores quase contemporâneos. Eu me refiro a Platão e a Epicuro. Platão dirá que, você se lembra da alegoria da Caverna no livro 7 da república. As pessoas estão dentro da caverna e elas estão contemplando o fundo da caverna por onde passam sombras, mas eles não as tomam por sombras, simplesmente porque, para eles, aquilo é tudo. E aí, então, quando elas saem da caverna, percebem que aquilo são só sombras e que, vamos assim dizer, a realidade não está dentro da caverna; a realidade, ou seja, aquilo que deve ser conhecido, ou, se você preferir, o bom aprendizado, ele não se dá dentro da caverna com sombras deformadas, mas ele se dá fora da caverna, isto é, ele se dá no mundo das ideias.

Então, o que Platão está tentando nos ensinar é que o uso dos sentidos para o aprendizado e para o conhecimento é um uso a desconfiar; um uso que pode levar a erro e que costuma levar a erro e que, portanto, é preciso, no mínimo, ir muito além dos sentidos e, portanto, fazer com que a alma, ou aquilo que nós chamaríamos de mente, faça o seu trabalho, que é o trabalho de aprender o que tem que ser aprendido; de conhecer o que tem que ser conhecido, que são verdades perfeitas que já estavam no seu interior, mas precisavam ser descobertas no sentido de cobertas e descobertas; no sentido de descobrir, mesmo. Esse é Platão. Epicuro, alguns anos depois, dirá praticamente o contrário. Ele dirá que os limites do nosso aprendizado e do nosso conhecimento são dados pela nossa percepção sensorial. Portanto, o mundo é aquilo que percebemos pelos sentidos. Não podemos ir além disso, portanto, o verdadeiro é o percebido. O verdadeiro é aquilo que nos chega pelos sentidos e que, portanto, devemos desconfiar de toda crença ou de toda opinião que possa ir contra aquilo que nós mesmos percebemos.

Eu não sei se o ouvinte se deu conta, mas eles dizem exatamente o oposto um do outro. Naturalmente que você talvez esperasse que eu, deficiente visual,

fosse um defensor da tese de Platão e discordasse de Epicuro. Isso facilitaria as coisas, porque isso diminuiria a relevância da visão. Mas eu vou te surpreender: eu acredito que Epicuro tem muita razão. De fato, a percepção do mundo pelos sentidos é a porta de entrada da alma. A percepção do mundo pelos sentidos é aquilo que nos permite conhecer o mundo tal como o mundo se apresenta para nós e que, de fato, o mundo para nós é a maneira como ele se apresenta, e os sentidos são a forma como temos para saber como ele é, para conhecê-lo, mesmo. Portanto não pode haver nada de falso naquilo que é a percepção sensorial, porque a percepção sensorial é o que é.

Em outras palavras, se eu ouço o que eu ouço, o verdadeiro do ouvir não se confunde com o verdadeiro da realidade que causou o som. O verdadeiro do ouvir é indiscutível. O que eu ouvi é o que eu ouvi. Agora, claro, se o que eu ouvir não corresponde à realidade, isso sempre me escapará. Por isso eu sou um grande admirador das teorias filosóficas que enfatizam a importância da percepção sensorial.

Pois muito bem: nesse momento você olha pra mim e diz: bom, o senhor acha isso ótimo, mas a visão é importantíssima e a visão nos escapa. Pois é! Mas ninguém disse que a visão esgota o nosso contato sensorial com o mundo. E é por isso que eu, particularmente, me sinto muito à vontade pra dizer que muitas vezes a lacuna da visão, a impossibilidade da visão nos remete à riqueza das outras sensorialidades que muitas vezes acabam esmagadas e apequenadas por uma espécie de tirania hierárquica da visão sobre os demais sentidos. Quando a visão claudica, quando a visão falta, os outros sentidos parecem emancipados; parecem libertados dessa tirania que é, claro, uma tirania cultural, uma tirania apreendida, uma tirania que resulta da nossa vida no mundo com as outras pessoas, onde a visão costuma ter muita importância.

Nesse momento, Carlos, em que nós nos vemos pelo menos em parte, libertos dessa tirania, somos convidados a degustar aquilo que o mundo imprime sobre nós, por intermédio das demais portas sensoriais que o nosso corpo nos brinda,

PODCAST VEJA BEM

nos autoriza, nos faculta, no sentido de faculdade, mesmo, no sentido de possibilidade.

É aqui que eu conclamo a todos a uma grande discussão a respeito das possibilidades do aprendizado e do conhecimento a partir desta renovada fonte de aprendizado e de conhecimento que é o olfato, o paladar, o tato... Em suma, todas as suas extensas dimensões que obviamente podem nos trazer uma riqueza infinita. Eu diria ainda mais, Carlos: naturalmente que, dada a impossibilidade que é a nossa de conhecer o mundo como ele é, o mundo sempre será conhecido a partir do nosso olhar, a partir da nossa perspectiva, a partir das nossas condições... Claro está sendo o percipiente, aquele que percebe, aquele que contempla o mundo, aquele que observa o mundo, alguém que privilegia, por uma razão ou por outra, o tato, o paladar, o olfato, a audição etc., esse alguém poderá ter do mundo uma perspectiva riquíssima e que lhe é própria. Então quando você ouve que o homem é a medida de todas as coisas e, portanto, cada homem, dada sua condição, é a medida de todas as coisas e, portanto, o mundo é mesmo um para cada um, o convite está feito: o mundo ele é o que é dadas as nossas condições. E eu insisto: se você disser, ah, mas a gente nunca pode ver o mundo como ele é... Não! Você, mesmo que tenha dois olhos e dois olhos funcionando, você não vê o mundo como ele é. Você vê o mundo com dois olhos. Se fossem 3, o mundo seria outro; se fossem 5, seria outro, e se fossem 100 olhos, o mundo não teria nada a ver com aquilo que você vê. Portanto, tal como quem não vê, quem vê com dois olhos, também vê a partir da sua particularidade, a partir da sua condição, e é por isso que o convite está feito para um encontro com o mundo revigorado, renovado e emancipado da tirania da visão em relação aos demais sentidos.

V: O Veja Bem é editado e conta com locução de profissionais cegos ou com baixa visão. Quer conhecer a Rádio da Organização Nacional de Cegos do Brasil e apoiar esse trabalho? É só baixar o App da Rádio ONCB na sua loja Android ou IOS. Para apoiar ou conhecer a Organização, acesse o site: www.oncb.org.br/doacao

PODCAST VEJA BEM

V: Rádio ONCB. ONCB: todas as vozes em uma só rádio. O som de todas as vozes.

C: E a gente acaba de ouvir o recado do pessoal da Organização Nacional de Cegos do Brasil que dá o endereço do site e te lembra que todo esse conteúdo é editado e dirigido por pessoas cegas e com baixa visão.

Eu, obviamente, poderia fazer uma lista infinita de coisas, casos ou fenômenos com os quais eu aprendi, sigo aprendendo, ao longo da vida... Claro, todos eles inalcançáveis se a gente for considerar o olhar como canal de entrada, mas eu fiquei pensando, ao revisitar essa pauta, dessas tantas possibilidades; quais delas eu poderia trazer para compartilhar com os nossos ouvintes. Fiquei pensando, quais eu poderia trabalhar para que pudessem ser elementos concretos para que a nossa audiência qualificada pudesse transformar em ferramentas para verdadeiramente olhar a vida com múltiplas perspectivas? Então elegi três frentes. Eu começo com algo que pode parecer óbvio para uma parte dos nossos ouvintes, ou, muito estranho, para tantos outros que nos acompanham...

Ou seja, eu quero falar com vocês sobre a cegueira. A cegueira é tratada por Jacques Lusseyran como uma dádiva. Olha, esse cara merece ser lido. Um filósofo francês que viveu intensamente seus 47 anos e que, aos 8 anos de idade, ficou cego. Ele trazia nos seus textos uma série de motivos de reflexões para justificar essa percepção da cegueira como uma dádiva que com certeza são bem mais profundos e complexos do que eu vou trazer aqui, nesses nossos poucos minutos de bate-papo. Eu quero trazer apenas uma perspectiva acerca da cegueira. Eu também a reconheço como dádiva, porque é um elemento que, em alguma medida, me define. E, mais do que isso: a cegueira diz muito do que eu sou e é uma ausência sempre presente na minha vida cotidiana. Olha só: que transformador a gente perceber que pode ser demasiadamente humano, reconhecendo as nossas faltas, é igualmente transformador a gente aprender a valorizar essa ausência como algo que verdadeiramente nos ensina. Aprender então com a ausência, com a falta, é algo que pode nos deixar muito mais fortes.

PODCAST VEJA BEM

Aí, conversando com o Jacques Lusseyran, trago, como segundo elemento, o que ele chama de “faculdade essencial para a vida das pessoas cegas”, que é a atenção. Pois é. A atenção é algo inerente a quase todos os seres vivos, mas, no caso da pessoa cega, é um elemento de sobrevivência. Se eu saio com a bengala, eu preciso estar atento a cada passo; quando eu estou conversando com as pessoas, cada elemento é fundamental para que eu possa promover uma interlocução com qualidade. Se eu falo da cegueira enquanto elemento importante para simbolizar para todos vocês que nos ouvem, pra te convidar a refletir acerca da importância de pensar o valor da ausência de algo que você não tem, mas que te ensina a ser mais forte, quando eu te convido a pensar sobre a atenção, eu estou falando contigo sobre a importância de pensar quantas coisas foram deixadas para trás, passaram despercebidas; não ganharam o privilégio da sua atenção. Quantos sorrisos, quantos momentos! E ver a vida com outros olhos pode significar valorizar o que não temos como algo que nos faz forte. Passar a refletir sobre o que não prestamos atenção como elementos que poderiam ter sido transformadores para nossa caminhada. E, por fim, o terceiro elemento que eu trago para o nosso papo, são as histórias. Essa não é uma contribuição do querido Lusseyran, é um pitaco do Carlos Ferrari. Professor, eu sou apaixonado por histórias. Ah, as histórias que são vividas, sonhadas, contadas, fracassadas, perdidas... Até aquelas que, por vezes, a gente recupera no final do segundo tempo... As histórias são extremamente essenciais como elemento para que nós possamos aprender. Apesar de não serem vistas, não terem corpo concreto, não se manifestarem para os olhos físicos, as histórias compõem a Nossa caminhada é como uma espécie de esteio, uma espécie de lastro. Todas elas.

As que a gente vive, as que a gente conhece, a que a gente se depara nos livros... Como eu disse, as vividas e perdidas... E aí, a partir desses três ingredientes que eu trago aqui, pra nossa conversa do “Aprender com o que não se vê”, eu devolvo para o professor Clóvis, para que ele possa também nos apontar os elementos de maior destaque para esse aprender com o que a gente não pode ver. Quais seriam, na sua percepção, os elementos de maior destaque

PODCAST VEJA BEM

nesse aprendizado com o invisível, com aquilo que a gente não tá vendo, mas que nos transforma?

C: Carlos, sempre acreditei que todo processo de aprendizado e de conhecimento, isso eu falo, não de estudos de educação, mas eu falo de 35 anos de sala de aula, eu digo, de sala de aula como professor... Que reduz claro. Porque, se você for contar como aluno, eu tenho, de sala de aula, exatamente meio século, e na condição de professor e de aluno, que é a minha condição hoje, de aprendiz e de ensinante, eu acredito muito que os aprendizados, eles estão vinculados aos afetos. Em outras palavras, é imprescindível que possamos nos debruçar sobre a importância daquilo que sentimos no momento, que fazemos descobertas. Quando alguém nos ensina alguma coisa, isto que aprendemos imediatamente ao ser apreendido por nós, no sentido mesmo de apreensão, no exato momento em que aquilo dialoga com nosso repertório e estabelece com nosso repertório um diálogo, condição de todo aprendizado despertam-se em nós as cordas da harpa das nossas emoções. E é claro que essas emoções serão definitivas na maneira como esse aprendizado terá futuro em Nós. Perceba que podemos aprender a mesma coisa com alegria... E aí, Carlos, vinculamos aquilo que aprendemos à própria Alegria. Eu vou te dar um exemplo bem simples de entender: vamos imaginar que você se apaixone por alguém e que o primeiro beijo nesse alguém seja dado ouvindo uma determinada música. Eu aqui não tenho por que não dar nome aos bois: o primeiro beijo que eu dei na vida, foi na rua, em uma colega de faculdade, veja só... Para os dias de hoje, um beijo tardio, um beijo tardio... Eu estava desesperadamente apaixonado por ela... E, claro, se você me perguntasse se ela era por mim... Sabe como é, os sentimentos dos outros são sempre muito limitados pelo que as pessoas dizem..., mas eu suponho que ela gostasse de mim também. Era minha colega de faculdade de Jornalismo... Nós saímos ali da Cásper Líbero, era o meu aniversário, e fomos comer esfirras na esquina da Alameda Santos com a Joaquim Eugênio de Lima... E, depois de comermos esfirras, estávamos na iminência de ir embora, eu não tinha carro... la pegar uma carona com um amigo... E, no rádio do carro tocava uma música do grupo Chicago... Hard to say

PODCAST VEJA BEM

I'm sorry... Cantado pelo vocalista dos Chicago, Peter Cetera. (Toca a música). E aí, então, aconteceu o quê? Aconteceu aquele primeiro beijo... Uma experiência que, como você sabe, como todo beijo bom, é uma experiência que tem muito tato e muita emoção, mas não tem visão e é a audição desse beijo era a audição de Peter Cetera, Who to say i 'm sorry. Você pode imaginar o que foi que

aconteceu. É como se aquela música ativasse todas as cordas da minha harpa afetiva. Imediatamente eu lembro dela, claro, da moça... Eu lembro do local, eu lembro da época, eu lembro da minha juventude... Em outras palavras, basta uma música para que toda uma experiência renasça, não é? E se imponha como uma experiência maravilhosa da vida vivida.

Ora, acho que você entendeu o que eu quis dizer: quando nós aprendemos as coisas do mundo, nós aprendemos dentro de cenários afetivos muito determinados. Eles podem ser, por exemplo, enfadonhos, não é? Marcados pelo enfado... O meu outro exemplo são as aulas de álgebra... As aulas de álgebras eram aulas enfadonhas. Porque o professor de Álgebra nunca se esforçou para que não fosse assim. Ora, Carlos, quando aparece álgebra na minha frente, invariavelmente eu também resgato todas as cordas da harpa afetiva dos momentos em que a álgebra veio vinculada ao enfado. E o enfado se põe, se impõe... E então, olha que loucura. Você vai dizer: mas então a álgebra ficou condenada para sempre? Não. Eu precisaria colocar alguma coisa por cima, sabe? Eu precisaria viver uma nova experiência na qual a álgebra fosse vinculada à alegria, ao prazer de aprender, às sensações maravilhosas e isso acabou acontecendo no próprio cursinho... E agora, sim, eu cito o nome, o professor Dodô, no cursinho do Objetivo... O objetivo dava bolsa pra nós, alunos do São Luís que tínhamos boas notas... Então, durante o terceiro colegial, eu fiz cursinho à noite no objetivo. E o professor Dodô, ele ensinou as mesmas coisas que eu aprendera em algum momento... E qual foi a graça? A graça foi que o professor Dodô imprimiu sobre mim novas associações. Então eu tinha logaritmo associado a enfado, e eu tinha logaritmo associado à alegria... Então eu diria que ele salvou o logaritmo na minha vida.

PODCAST VEJA BEM

Então o que eu te diria? Eu te diria que, por tudo aquilo que eu estou dizendo, é muito importante para que nós, aprendizes, e para que nós, que participamos de uma rede social onde estamos o tempo inteiro enunciando e recebendo discursos onde estamos ensinando e aprendendo o tempo inteiro, que nós nos preocupemos em associar o aprendizado do mundo a experiências e afetos positivos. Porque isso é a condição para o entendimento alegrador do mundo.

F: Olha aí... Quanta coisa você pode puxar desse episódio para poder ampliar a visão! Para poder pensar a vida com maior profundidade! Professor falando do terceiro colegial do Objetivo, você sabe que me tocou fundo agora aqui, professor, porque foi lá que eu conheci a minha esposa.

C: êêêê!

F: Já fiz aqui uma conexão imediata com a sala do objetivo, máquina braile no colo, ansiedade para terminar a aula, pra poder sair um pouquinho mais cedo ali... E... Nossa... E já se foram aí 25 anos...

C: O Carlos é uma criança ainda, é um menino! Eu queria fazer uma ressalva... Eu queria lembrar uma coisa... Porque os exemplos às vezes acabam sendo injustos... Porque eles acabam jogando a luz numa parte do todo... Eu queria dizer que nunca, em toda a minha vida, eu fui tão feliz quanto no colégio São Luís. Eu falei da álgebra porque, de fato, era difícil. Mas eu poderia citar 350 exemplos... Prof. Luís Maria de Física, Ki bata de Português... Professor Gama de História, Ismar, Geografia... Que foram causar de uma alegria e de um contentamento imenso... Eu devo ao São Luís a minha formação inteira. Devo ao São Luís ter podido entrar na USP, ter podido fazer faculdade... Devo ao São Luís tanta coisa... Então, aquilo era só mesmo um exemplo, uma menção didática para que você me entendesse... Que não existe, de um lado o aprender, e do outro lado, o sentir. O aprender não se faz sem o sentir... E toda sensação é um aprendizado.

PODCAST VEJA BEM

F: Então, bora refletir, aprender e pensar a vida... E a gente tá chegando ao final...

Muito obrigado a você que voltou... Muito obrigado a você que chegou pela primeira vez! Não se esqueça! Semana de festa, semana de comemoração pelo primeiro aniversário do Inédita Pamonha... E, na próxima segunda, a gente tá de volta... Com muita reflexão para pensar a vida com outros olhos. Obrigado a você que nos ouve, obrigado, professor! Até a semana que vem!

C: Querido, obrigado, obrigado a todos nossos ouvintes... Obrigado pela tua generosidade de lembrar do Inédita Pamonha... Fica estendido convite aos ouvintes... E não percam esse episódio... Veja lá pelo Spotify, pelas plataformas, pela revista, por onde você quiser... Basta colocar "Inédita pamonha", episódio especial, com a participação de Carlos Ferrari.

Era isso, gente, valeu!!!!

F: Um abraço!!!!

V: Esse conteúdo foi trazido até você por meio da parceria entre Espaço Ética e Social Soluções. Quer saber mais sobre cada um de nós? Visite os nossos sites:

www.espacoetica.com.br

www.socialsolucoes.com